A União do Vegetal no Astral Superior

AFRÂNIO ANDRADE
Escola Superior de Teologia – São Leopoldo-RS

Introdução

Nosso propósito é o de trazer para debate um assunto que começa a ocupar os intelectuais: o uso da oasca pelos não-índios.

Estivemos, nos últimos dois anos, inseridos no grupo conhecido como União do Vegetal (UDV), que ultimamente agrega cerca de 3.000 fiéis, espalhados, principalmente, pelos estados de Rondônia, Amazonas e Acre, e, em menor grau, no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia, Espírito Santo, Pará, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Nossa inserção teve lugar nos estados de Rondônia (Porto Velho e Ariquemes) e Paraná (Curitiba). Tomamos conhecimento dos vários grupos que bebem o chá, conhecido pelos índios bolivianos, brasileiros e peruanos como Uasca, Mariri, Caapi, Yahuasca e Yagé. No meio "civilizado", o chá recebe o nome de "Daime", no grupo do Santo Daime, cuja sede fica em Rio Branco (AC); e de "Vegetal", no grupo que aqui propomos descrever brevemente. Em outros grupos, recebem nomes distintos.

Durante nossa estada em Rondônia, colhemos alguns pontos dos ensinamentos da UDV, cuja transcrição seria o suficiente para escrever uma enciclopédia. O resultado de nosso trabalho, que leva em conta os aspectos teológicos e filosóficos, entre outros, condicionamos em uma monografia e o apresentamos no Instituto Superior Evangélico de Estudos Teológicos, em Buenos Aires. Num futuro próximo, pretendemos compilar tal trabalho de forma sistemática, tratando dos detalhes coletados, oportunidade em que apontaremos o centro da questão: a religião do autoconhecimento. Neste artigo, pretendemos fazer uma breve apresentação do assunto, colocando-o em debate.

A Doutrina do Vegetal

Constatamos em distintos grupos que, ao beber o vegetal, este como que "mostra" ao oasqueiro o caminho que ele deve seguir na "senda" que conduz ao Astral Superior (o que muitos chamam de céu). Citamos, por exemplo, o curandeiro Urquia, da tribo dos piros, na região do nascente Amazonas, no Peru. Ele diz que, quando iniciou a fazer curas com a erva, era como uma criança que nada sabia sobre ela. Foi a própria oasca que o ensinou a curar seus pacientes.

Em Rondônia, o mestre Gabriel, fundador da UDV, tomou conhecimento do vegetal através de um outro seringueiro, amigo seu. Foi examinando o chá e a si mesmo que descobriu (ou recordou-se) que a ele cabia criar um corpo de mestres e fundar a seita. O mesmo aconteceu com o mestre Raimundo Irineu Serra, que fundou a seita do Santo Daime, no Acre – seita esta que é vista com simpatia pela UDV.
O importante é observar que, em tempos e locais distintos, os oasqueiros acabaram por chegar a conclusões semelhantes em relação ao uso do chá. Senão, vejamos:

1 – O chá nos conduz ao mestre Jesus.

2 – Ao examinarmos nossa consciência, nos autoconhecemos e passamos a fazer o bem em lugar do mal;[1]

3 – A obediência (à força superior) é o primeiro passo para se chegar ao conhecimento – e a paciência é pré-requisito daquela;

4 – Os acontecimentos "míticos": a criação, o éden, o dilúvio etc. são redescobertos juntamente com as epifanias divinas, na medida em que o chá se torna sagrado;

5 – Os astros são "relidos", como eram "lidos" na antiga Mesopotâmia, e ocupam o astral superior em todos os grupos numa dimensão psico-religiosa: contam-se histórias (em hinos, "histórias" e chamadas[2]) a respeito dos corpos siderais;

6 – O poder espiritual está atuando no mundo numa nova fase;

7 – Existem forças negativas e positivas: o oasqueiro deve "seguir o mestre para o alto", guiado pela força (positiva);

8 – O homem é um ser sagrado/divino;

9 – A vida é um eterno aprender, que perpassa as reencarnações.

Estas conclusões formam a base de doutrina nos diversos grupos. Na UDV, esta se acha nitidamente traçada: a finalidade é o desenvolvimento espiritual do discípulo; e esta doutrina vem ganhando um corpo. Em parte, ela se assemelha à sabedoria dos incas e outros povos indígenas; em parte, reinterpreta a fé cristã; e em parte avança em muito a doutrina do kardecismo. No todo, a doutrina da UDV abarca todos os pontos positivos que se conhece nas religiões que a ela precedem, fenômeno este comum às chamadas "novas religiões", segundo os cientistas da religião.

Um outro ponto a ressaltar é o de que a doutrina dos oasqueiros leva em conta uma íntima relação com a natureza. Aliás, os ciclos da natureza há muito penetraram na religião, se não foram os seus motores iniciais, conforme se discute em Fenomenologia da Religião e Ciências da Religião. A reencarnação, por exemplo, é uma doutrina ligada à natureza, e nela as coisas "novas" são tão antigas quanto aquelas das quais não temos mais sequer notícias. O que a doutrina dos oasqueiros faz é retomar os ciclos da natureza como motores para a religião. Citamos, por exemplo, uma chave (meia estrofe) de uma chamada da UDV:

"O sol, quando vem clareando, o dia vem. Ai, Ai, meu Deus! Que será?" ou
"O sol, quando vem clareando o dia, vem... Ai, Ai, meu Deus! Que será?"

Na forma em que é pronunciada, esta chave permite mais de uma maneira de a "ouvir", dependendo do ouvinte. Que quer dizer esta chave ao discípulo de borracheira (bêbado)? Detectamos duas coisas: 1 – Se lhe soa como no primeiro caso, lhe transmitirá a idéia de juízo final.

Neste caso, "o sol" é a justiça divina, que cobra a consciência; "o dia" é a tão conhecida profecia amosiana do dia de Javé (Am., 5.18); 2 – Se lhe soa como no segundo caso, lhe transmitirá luz, que lhe faz crescer espiritualmente: é a chegada do Messias (Mt., 4.16). Que é pois "o sol" nesta chave senão uma linguagem figurada para falar de Deus, juízo e sabedoria? Ora, o Deus que salva é o mesmo que condena. E isto a chamada diz de uma única pulsação – tão misteriosa que um discípulo entra na peia enquanto o outro contempla a glória de Deus! Nesta chave, "o sol" vem, isto é, "está vindo", para o primeiro caso; e "vem", ciclicamente, para o segundo: uma inspiração da religião na natureza ou a indicação de um retorno do homem às primeiras formas de religião de que possamos ter conhecimento. Afinal, "o sol *vem clareando*", isto é, clareia, desde épocas imemoráveis! E, não obstante, todos os dias, quando (ele) vem, clareando, o dia (também) vem (chegando). Ele vem clareando o dia! Ou, clareando o dia, o sol vem! Dentro destas chaves lingüístico-simbólicas, encontramos tanto conteúdo religioso que, a bem da verdade, pode-se desembocar numa nova visão do homem!

O Mariri e a Chacrona

É com estas duas plantas que se prepara o vegetal. É o reino do vegetal que atua no reino animal. Quem não sabe da existência do reino animal, do vegetal e do mineral? Estes três "reinos" estão presentes no universo de tal forma palpáveis que criam a harmonia da natureza. Ao beber o vegetal, estamos penetrando no reino nosso vizinho, o vegetal. E lá encontramos o rei Mariri e a rainha Chacrona (chá crona = temeroso: chá temeroso), que põem a ordem no planeta, ou o universo em ordem! Quem não conhece o dualismo religioso, de que nos falam tantos povos do mundo inteiro e, inclusive, as mais variadas tribos das Américas?[3] Na UDV não é diferente: tudo que se conhece está aos pares: as forças negativa/positiva; o astral superior está em oposição ao que vem debaixo; a mentira/verdade; a sombra/luz; e, também, o mariri e a chacrona. Estes dois, longe de se oporem, se complementam, como o homem e a mulher; o sol e a lua; a justiça e a sabedoria; a força e a luz etc. Mas o que é o mariri e a chacrona? Vejamos uma chamada:

1 – É o mariri e a chacrona
2 – Em reunião é que nos conduz
3 – Do mariri recebemos força
4 – E da chacrona recebemos luz
2 – Em união é a perfeição
3 – O mariri é o rei da força
(o rei dá força!)
4 – E a chacrona, rainha da luz
(a rainha dá luz!)
3 – O mariri nos dar a (dará!) força
4 – E a chacrona nos dar a (dará!) luz
3 – O mariri "esblanda" (és brando!) em força
4 – E a chacrona clareia (claro, êia!) em luz" etc.

Estamos, pois, no reino do vegetal, em cujos mistérios somos conduzidos pelo rei mariri e pela rainha chacrona. Que significa que "em união é que nos conduz"? Detectamos três coisas:

1 – Que a união é o princípio fundamental de toda a existência: tudo que existe está unido com algo ou consigo mesmo. Tudo está ligado com o astral superior;

2 – Que o vegetal nos proporciona nossa própria condução dentro dos "mistérios do reinado" e dentro da natureza, da existência eterna. Que esta condução é nosso aperfeiçoamento espiritual; e

3 – Que nós, o terceiro elemento no reinado, podemos nos equilibrar com a força do mariri e a luz da chacrona – o que é o ponto fundamental de toda a doutrina: o equilíbrio.

Uma outra chamada, em harmonia com esta, diz: "A força vem do mariri; a luz vem da chacrona" etc. É notório que, fisicamente, o mariri é quem produz no oasqueiro a sensação de força, enquanto a chacrona produz as "mirações". Mas não é só isto: as chamadas estão apontando para o plano espiritual.

O reinado é dual ou, melhor, *duplodimensional*. No reino de cima, na luz, está implícita a sombra, conforme uma terceira chamada: "Com a luz, vem a sombra" (plano descritivo); ou: "Como a luz, vem a sombra" (plano comparativo); ou ainda: "Com a luz, venha sombra!" (plano de influxo)[4] etc. É possível uma quarta audição desta mesma chave: "Como há luz, venha sombra" etc. Existe, então, uma dupla dimensão envolvendo os elementos luz e sombra, que adquirem significados totalmente distintos, dependendo da forma que seja perceptível ao ouvinte em êxtase!

E quem ainda não ouviu falar da história das duas árvores do Éden, a árvore da vida e a árvore da ciência do bem e do mal (Gn., 2.9 e 17)? Ou quem ainda não leu o mito babilônico no qual Enki (o deus das águas) é amaldiçoado por sua esposa (a mãe da terra) e come oito plantas com o objetivo de conhecer seu "coração", com o que "conheceu seu coração e determinou o destino das plantas"?[5] E o relato de Utnapishtim sobre a busca da imortalidade? Conta-se que havia uma planta, cujo nome é "o homem se torna jovem na velhice", que podia ser trazida do país da felicidade. O herói sai a buscar tal planta. Ao regressar, vai-se banhar no rio, momento em que uma serpente (veja, uma serpente!) lhe arrebata a planta,[6] e o herói perde a oportunidade de ser feliz... Afinal, que plantas são essas? No reinado do vegetal, se pode "penetrar dentro, bem dentro", de todas estas histórias. Não é à toa que, ao beber o vegetal, se torna uma nova pessoa! É porque todas essas "histórias" podem ser presenciadas no astral superior.

A Escola

Na UDV temos uma verdadeira escola, cuja primeira aula nem sempre inicia da estaca zero. Há muitos que já caminharam bastante no mundo dos mistérios e, chegando na UDV, podem até "recordar" as lições tomadas nas escolas da eternidade... É uma escola para aqueles que querem conhecer coisas bonitas; para quem quer paz, amor e clareza na sua caminhada enoquiana.[7]

Nesta escola se aprende duas coisas: a) A conduta no mundo mágico-mítico; e b) A conduta num grupo, cuja base é a compreensão, a amizade sincera e a paz interior. A grande descoberta nesta escola é a iluminação: "A luz (é) que nos dá firmeza / (é) a União do Vegetal". Sim, no dia-a-dia todos nós precisamos "firmeza no pensamento e pureza no coração", segundo uma outra chamada. E não há um lugar melhor para exercitar essa firmeza e essa pureza que na união com os que também galgam os mesmos degraus na "escada do vegetal". Todos somos discípulos, pessoas que têm o dever de aprender "O dever" (= udv, e aí está uma chave de interpretação das homófonas). Estamos todos na escola. A escola é uma ex-cola; é uma escada, ex-cada. Agora, o oasqueiro sabe que a escola nos des-cola de nossas limitações, e assim subimos, evoluímos pela ex-*cada* agora, união de *todos*. Que escola é esta?

Concluindo

Todas as pessoas que conhecemos na UDV estão envolvidas num projeto que há de culminar com a implantação do poder na Terra: A união entre os homens. Para crescer espiritualmente é preciso união, muita paz interior, clareza (luz) e muito amor. Luz, paz e amor são os símbolos da união. Mas é preciso ter paciência.

Certa feita, presenciamos um dos mestres da UDV meditar a respeito do assunto, ao ver tanta gente que ainda não conhecia a união: "Vai precisar muito vegetal para fazer todo este povo chegar ao conhecimento". Era o mestre Mano, de Ji-Paraná (RO), refletindo num tom de gente simples, por ocasião de sua visita a Curitiba. Sim, de fato, é necessário muita disposição para arcar com um projeto de tamanha envergadura. Mas a história não tem pressa, e, um dia, "quando todos chegarem ao conhecimento, vai ficar bem mais fácil para todos nós", opina o mestre Paixão, de São Paulo.

Existe, pois, um projeto para implantar o Astral Superior na humanidade. E as bases deste projeto já estão lançadas: a UDV.

Notas:

[1]Os filósofos relativizam a questão do bem e do mal, que depende de um punhado de fatores. Os oasqueiros simplesmente se conduzem miticamente, o que exclui o relativismo, pois o bem é atingido lá na sua essência, no próprio Deus.

[2]Uma chamada é uma composição às vezes simples que se "canta", mais ou menos como uma mantra oriental.

[3]*Cf.* MIRCEA, E. *La Busqueda*. Buenos Aires, Ed. La Aurora, 1984, 206 p. (v. especialmente p. 87-138).

[4]Sobre "influxo", *cf.* os estudos de semiótica em: *Análisis Semiotico de los textos. Int. – Teoría – Práctica (Grupo de Entrevernes). Madri, Ed. Cristandad, 1982, 191 p.*

[5]*Citado por RICOUER, P. Finitud y Culpabilidad.* Madri, Taurus Ed., 1969. Libro segundo, *La simbólica del mal*, p. 235-713 (v. especialmente p. 475-477).

[6]*Idem*, p. 485.

[7]Alusão a Enoch, descendente de Adão da sétima geração, segundo Judas, 14. O Livro de Enoch narra uma caminhada interestelar que o dito personagem teria realizado por ocasião de seu arrebatamento. *Cf.* Hebreus, 11.5-6 e Gêneses, 5.22-24.

Este artigo foi originalmente publicado em:
ANDRADE, Afrânio Patrocínio de. "A União do Vegetal no Astral Superior."
Comunicações do ISER, vol. 7, no. 30, 1988, pp. 61-65.